

RESENHA

GONZÁLEZ, Justo L. História do Movimento Missionário. São Paulo: Vida Nova, 2007.

A obra de Justo González é uma ampla síntese da trajetória missionária cristã, escrita com o propósito de apresentar a missão não como apêndice da história da Igreja, mas como parte central de sua identidade. Logo na introdução, fundamentada na Grande Comissão (Mt 28.19–20), o autor define conceitos como missiologia, missão e missões, insistindo que Deus é o verdadeiro protagonista da missão, e que a Igreja é fruto dessa ação divina. Um ponto crucial que González destaca é a separação artificial entre a história da Igreja e a história das missões como disciplinas, mostrando como essa divisão empobrece a compreensão da identidade da própria Igreja.

No capítulo 2, o autor volta-se à relação entre Bíblia, missão e história, apresentando quatro modelos de interpretação bíblica usados no campo missionário. Ele evidencia que a teologia bíblica da missão continua em construção, especialmente diante dos desafios do século XXI. A narrativa bíblica, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é resgatada como fundamento da missão universal de Deus, com destaque para o ministério de Jesus, a ação do Espírito Santo e o testemunho da igreja primitiva. Essa leitura oferece uma ponte entre a história bíblica e a missão da Igreja ao longo dos séculos.

O capítulo 3 avança para a expansão missionária na Antiguidade, do período pós-apostólico até Constantino. González menciona personagens como Gregório de Neocesareia e descreve como o cristianismo se espalhou pelo norte da África, Espanha, França e Alemanha. O autor também reflete sobre a conversão de Constantino como marco histórico, analisando o impacto da união entre fé e poder político e os efeitos posteriores na obra missionária.

Já no capítulo 4, a atenção recai sobre a Idade Média. Longe de reduzi-la a uma “era das trevas”, González destaca a riqueza dos encontros entre cristianismo, cultura germânica e Islã, mostrando como esses embates obrigaram a Igreja a repensar sua missão. São Patrício, Agostinho de Canterbury e os missionários britânicos aparecem como figuras centrais, assim como a expansão bizantina até a Rússia. O avanço

islâmico dos séculos VII e VIII é tratado como um dos períodos mais difíceis para o cristianismo no Oriente Médio e no norte da África, revelando como a resposta militar foi uma distorção do evangelho. Essa análise é particularmente relevante, pois recorda que a cruz de Cristo não pode ser usada como símbolo de guerra nem confundida com projetos políticos.

O capítulo 5 traz a Idade Moderna, marcada pela preponderância das missões católicas e pela tímida participação protestante inicial. González detalha as missões espanholas e portuguesas no Novo Mundo, as iniciativas francesas e a expansão ortodoxa, até chegar ao surgimento das missões protestantes. O pietismo, o movimento morávio, o metodismo e os grandes avivamentos nos Estados Unidos aparecem como marcos do despertar missionário protestante, demonstrando que o impulso missionário moderno nasceu em contextos de avivamento espiritual.

No capítulo 6, já na época contemporânea, o autor destaca os impactos dos avanços tecnológicos e intelectuais no movimento missionário, além da consolidação do Vaticano I e da doutrina da infalibilidade papal. O papel de William Carey é ressaltado como precursor das missões modernas, ao lado do fortalecimento das agências missionárias voluntárias, especialmente na Inglaterra, Alemanha, Suíça e Estados Unidos. González mostra como esses centros se tornaram polos missionários que influenciaram o mundo todo, indicando que o movimento protestante encontrou vitalidade justamente na estrutura de agências e sociedades voluntárias.

Os capítulos finais ampliam a visão para o século XX. No capítulo 10, González analisa a América Latina, marcada pela marginalização inicial no movimento missionário global — em Edimburgo (1910) o continente sequer foi considerado campo missionário. Apenas com os congressos do Panamá (1916), Montevideu (1925) e Havana (1929) a região passou a ser incluída. O autor percorre país por país, descrevendo a presença missionária católica, protestante e, em alguns casos, ortodoxa, mostrando a complexidade e a diversidade da experiência latino-americana.

No capítulo 11, González apresenta lições aprendidas pela história missionária: a missão é sempre intercultural, exige convivência com diferentes culturas e desafia a Igreja a superar divisões internas. Ele aponta que muitas vezes o campo missionário revelou como, diante dos desafios, diferenças denominacionais se tornavam

secundárias, lembrando às igrejas locais a importância de cultivar uma visão de Reino que favoreça a cooperação. O capítulo também olha para o futuro, destacando o impacto das migrações e das mudanças demográficas no cenário missionário do século XXI.

A leitura de González é ao mesmo tempo informativa e desafiadora. Sua insistência em não separar a história da Igreja da história das missões resgata a centralidade da missão para a identidade cristã. Ao refletir sobre períodos de expansão e declínio, o autor evidencia tanto os erros do passado — como a associação entre fé e projetos de poder em certos contextos históricos — quanto os acertos, como os movimentos de avivamento espiritual que impulsionaram o envio missionário. A obra é panorâmica e, em alguns pontos, sacrifica aprofundamentos regionais, mas isso não diminui sua relevância.

Trata-se de um livro fundamental para missionários, líderes e acadêmicos que desejam compreender a missão como fio condutor da história da Igreja. Mais do que um recurso histórico, é um convite a aprender com o passado para discernir o presente e projetar o futuro da missão cristã. É leitura indispensável para qualquer igreja ou organização que queira fortalecer sua consciência missionária e alinhar sua prática à identidade bíblica e histórica do evangelho.

Daniel da Cruz Moulié Corrêa